

UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO

Curso de Pedagogia

HELEN LEITE

SUZANA REIS

Milena Moretto

**EDUCAÇÃO SEXUAL NO ENSINO INFANTIL:
QUEBRANDO TABUS**

Itatiba

2022

Dedicamos este trabalho a cada criança que deixou de ser criança. Que teve seus sonhos destruídos, seus desejos ignorados e sua humanidade esquecida. Que todas possam encontrar uma centelha de luz ao meio da escuridão e renascer em sua completude.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à nossa família que sempre nos incentivou, nos apoiou e manteve nosso equilíbrio.

Agradecemos a Deus por nos permitir viver as experiências excepcionais da vida e aprender com elas.

Às nossas colegas de sala. Dividimos todo tipo de sentimento e nos mantivemos unidas. Obrigada pelo apoio.

Agradecemos às professoras que participaram de nossa pesquisa com tanta disposição e interesse. Sem vocês, esse artigo não seria possível!

Por último e não menos importante, aos professores que participaram de nossa formação, em especial, nossa orientadora Milena. Todos têm um lugar especial em nosso coração, um sentimento imenso e eterno de gratidão. Vocês são nossos exemplos.

EDUCAÇÃO SEXUAL NO ENSINO INFANTIL: QUEBRANDO TABUS

HELEN LEITE ¹

002201802675

SUZANA REIS ¹

002201802914

RESUMO

É fato que questões sexuais permeiam nossa sociedade desde o nascimento, mas também é fato que não são em todos os lares que o assunto é abordado livremente e, atualmente, nem nas escolas tem se dado a devida importância ao assunto. O tema é envolto de tabus, que apenas dificultam que as informações necessárias e que a educação sexual em si chegue a todos, pois não é um assunto que apenas deve ser abordado com as crianças, mas com a sociedade em geral. Neste sentido, temos como objetivo neste artigo compreender como os professores têm trabalhado com a educação sexual na Educação Infantil. Temos ainda como objetivos específicos: 1) analisar como o professor concebe o trabalho com a educação sexual; 2) identificar, a partir de sua narrativa, de que forma ele tem abordado o assunto com as crianças. Para isso, realizamos entrevistas com duas professoras da rede pública de Itatiba que atuam na Educação Infantil. A partir de nossas análises, pudemos perceber que o tabu persiste quando se é para discutir o tema em sala de aula, principalmente, se essa discussão ocorrer nos anos iniciais de escolarização.

Palavras-chave: Educação Sexual; Educação Infantil; Entrevista Semiestruturada

INTRODUÇÃO

Por muito tempo e, ainda nos dias de hoje, a educação sexual é um tema envolto por preconceitos, um verdadeiro tabu. Dialogar sobre a sexualidade com crianças é visto por muitos como um ato que corrompe sua ingenuidade. A falta de informações necessárias sobre a temática exclui a educação sexual do debate de muitos lares e instituições de ensino. Muitos acreditam que falar sobre sexualidade é uma forma de instruir a criança para o ato em si, quando na verdade, é uma oportunidade para elucidar, esclarecer conteúdos sobre o próprio corpo, questões de gênero e prevenção de abuso infantil.

Questões sociais, políticas e culturais que envolvem o tema torna-o essencial para sociedade como um todo. É necessário dar lugar à fala e escuta, quebrar paradigmas, esclarecer dúvidas, dar fim às inseguranças, medos e atitudes negligentes e cruéis originadas regularmente no seio familiar. Nesse sentido, a escola deve exercer sua função social, contribuindo para que questões sobre a sexualidade sejam um assunto abordado, adequando-o a cada faixa etária. À vista disso, o artigo tem como objetivo compreender como os professores têm trabalhado com a educação sexual na Educação Infantil. Tem ainda como objetivos específicos: 1) analisar como o professor concebe o trabalho com a educação sexual e, 2) identificar, a partir de sua narrativa, de que forma ele tem abordado o assunto com as crianças.

Para isso, foi realizada uma entrevista semiestruturada com duas professoras da educação infantil que atuam na rede municipal de Itatiba.

O artigo, além da introdução, contém a fundamentação teórica, os procedimentos metodológicos e a análise dos resultados. Na fundamentação teórica, será apresentado, o conceito de educação sexual, seu panorama e importância dentro das escolas e da sociedade. Em seguida, na metodologia, apresentamos os procedimentos utilizados para a construção dos dados e, por último, a análise dos resultados encontrados seguida de nossas considerações finais.

1. UM PANORAMA DA EDUCAÇÃO SEXUAL

O desenvolvimento da sexualidade é inerente a todos os indivíduos. A educação sexual é um tema que permeia a sociedade, sua abordagem ou a falta dela influencia o sujeito e seu entorno. Atualmente, os meios de comunicação exercem um papel substancial, na medida em que, são capazes de influenciarem variados contextos sociais. Apesar disto, o tema é envolto de inúmeros conceitos pré-concebidos, duvidosos e equivocados. Por essa razão, a temática não é abordada dentro dos lares e escolas, inclusive. A falta de naturalidade com que o assunto deveria ser levantado no seio social reflete diretamente na criança e adolescente, gerando ansiedade, incertezas e possíveis traumas.

A despeito de sua complexidade, a educação sexual é uma pauta necessária na educação infantil. Ela deve ser integrada de maneira intencional e sistemática nos currículos escolares. É indispensável que esse espaço seja concebido na sala de aula, de maneira a respeitar os momentos de fala e praticar uma escuta ativa dos alunos, sobretudo nas situações

em que os docentes reconheçam um discurso sexualizado. O exercício do respeito para com nós mesmos e com o outro é a chave que abre as portas para um debate seguro e construtivo.

Souza (2018) defende a inclusão da pauta em sala de aula, adequando a abordagem às faixas etárias, ainda que a visão do professor seja de encontro ao proposto. Segunda a autora, a instituição de ensino deve dar suporte a seus alunos, incentivar e permitir a autonomia e liberdade de expressão. É essencial conceber um ambiente que permita que os alunos exerçam e exponham suas convicções, questionamentos e pontos de vista haja vista que, em muitos lares, esse debate e suporte não acontece.

As primeiras experiências afetivas se iniciam no nascimento. O ato de amamentar, trocar fraldas, os cuidados com a criança propiciam essa interação de grande importância para a construção e evolução individuais. Através da observação e interpretação das ações dos adultos à sua volta, as crianças criam ou fundamentam suas ações. Desse modo, à medida que o desenvolvimento ocorre, a educação sexual se torna indispensável.

Segundo Figueiró (2009, p.163),

[...] a educação sexual tem a ver com o direito de toda pessoa de receber informações sobre o corpo, a sexualidade e o relacionamento sexual e, também, com o direito de ter várias oportunidades para expressar sentimentos, rever seus tabus, aprender, refletir e debater para formar sua própria opinião, seus próprios valores sobre tudo que é ligado ao sexo. No entanto, ensinar sobre sexualidade no espaço da escola não se limita a colocar em prática, estratégias de ensino. Envolve ensinar, através da atitude do educador, que a sexualidade faz parte de cada um de nós e pode ser vivida com alegria, liberdade e responsabilidade. Educar sexualmente é, também possibilitar ao indivíduo, o direito a vivenciar o prazer.

No ensino fundamental e médio, quando o tema é abordado, tem como foco de ensino apenas da perspectiva biológica, ou seja, indicando os órgãos reprodutores, o processo de fecundação e doenças sexualmente transmissíveis (DST), desvalorizando a educação sexual no contexto social, político e cultural, das vivências individuais e subjetividade do sujeito.

Um aspecto essencial a ser debatido concerne às violências, abusos e assédios sofridos por crianças e jovens. Souza (2018) afirma que a educação sexual é importante para que todos saibam se proteger e reconhecerem situações como estas.

Já Teixeira (2018), da Delegacia de Polícia para a Criança e ao Adolescente de Delitos (DPCAVD) pontua que a criança tem a escola como um lugar seguro para sinalizar algum tipo de violência sofrida por ela, seja sexual, psíquica ou física, haja vista que, não raro o abusador está dentro da própria casa. Uma situação abordada por ela é que,

frequentemente a criança, ao relatar situações de abuso, a primeira reação da família é a negação. Em contrapartida, os professores estão mais preparados para escutar, acolher e direcionar o caso para as autoridades competentes. Para Teixeira (2018), é essencial que deixemos as crianças livres para dialogar, debater questões do campo da sexualidade e se sentirem confortáveis e seguras para sinalizar tais situações. Com isso, contribuímos para prevenir crimes dessa categoria “Quanto mais as crianças forem educadas a se autoconhecer, mais elas vão conseguir se proteger”.

Em situações de abuso, o abusador exerce uma relação de poder sobre a vítima. Instruindo às crianças a conhecerem seu próprio corpo desde pequenas, ao sofrerem situações como esta, a criança tem mais chances de entender que algo está errado e verbalizar para um adulto o ato ocorrido. Em contrapartida, a falta dessa orientação a deixará confusa e, com medo, sem entender exatamente o que está acontecendo, e, por isso, se calar.

No âmbito escolar, a educação sexual exige a quebra de barreiras religiosas, morais e ideológicas dos familiares e dos próprios educadores. Igualmente, precisa-se lidar com políticas públicas que negligenciam seu ensino desde 2015, como a retirada da menção de gênero e sexualidade da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento que regulamenta as aprendizagens essenciais que devem ser trabalhadas nas escolas brasileiras. Do mesmo modo, também no ano de 2015, às questões de sexualidade e gênero foram retiradas do Plano Nacional de Educação (PNE). Com a falta de obrigatoriedade, as escolas não precisam abordar os assuntos referentes ao tema.

O Atlas da Violência (2018) nos mostrou que, mais de 50% dos casos de abuso infantil, o abusador é alguém próximo da criança e, em mais de 12% dos casos os abusadores são os próprios pais. Diante desse cenário, precisamos compreender a necessidade de a educação sexual ser abordada num ambiente que vá além do familiar. A escola, portanto, passa a ser a melhor opção. Deixar apenas a cargo da família é um erro desmedido.

Conforme dados compartilhados na Cartilha de Abuso sexual contra crianças e adolescentes – Abordagem de casos concretos em uma perspectiva multidisciplinar e interinstitucional (BRASIL. Ministério da mulher, da família e dos direitos humanos) em 2020, o Disque 100 (número utilizado para receber, analisar e encaminhar denúncias de violações de direitos humanos em crianças e adolescentes, pessoas idosas e pessoas com deficiência) recebeu mais de 95.247 denúncias e mais de 360 mil violações de que se separam em categorias: Violência física, violência psicológica, abuso sexual físico, estupro e exploração sexual. Segundo o Relatório Disque 100 (2019), a violência sexual contra a

crianças e adolescentes fica em 4º lugar no número de denúncias e, 72% desses casos ocorrem na casa da vítima ou do agressor. Esses dados confirmam que, na maioria dos casos, o abusador é alguém que está inserido no convívio da vítima, existe o elo de confiança e responsabilidade.

Segundo Kornfield (2000), existem dois tipos de abuso sexual: o intrafamiliar (quando o agressor possui laço de consanguinidade ou afinidade com a vítima) e o polimorfo ou extrafamiliar (o agressor é uma pessoa que possui um papel importante na vida da vítima, como amigos, professores, médicos, líderes religiosos etc.)

Uma vez que o acesso à informação é indispensável para a prevenção e combate de todo tipo de violência, é necessário trazer esse tópico para discussão em escolas, de forma que a educação sexual não atinja apenas as crianças, mas também seus responsáveis, já que estes possuem a obrigação de zelar pelos interesses e bem-estar dos menores. Para isso, é necessário que haja um plano estatal, em que toda a sociedade esteja ativamente inserida, aumentando o número de pessoas capazes de identificar e, conseqüentemente, denunciar sinais de violência sexual. Para as crianças e adolescentes, é necessário que as informações cheguem de maneira adequada, respeitando sua maturidade e desenvolvimento natural. É necessário mostrar a eles que possuem direitos, que têm a chance de escolha e autoridade e privacidade sobre o próprio corpo.

2. METODOLOGIA

A pesquisa “Educação sexual na educação infantil: quebrando tabus” é de caráter qualitativo. Segundo Flick (2009), a metodologia qualitativa considera a subjetividade dos sujeitos envolvidos como parte inerente ao desenvolvimento do processo investigativo. De acordo com Bogdan e Biklen (1994), a investigação qualitativa em educação requer uma relação de diálogo entre os pesquisadores e os sujeitos da pesquisa, objetivando compreender seus pontos de vista.

A partir de entrevistas semiestruturadas, buscamos compreender como os professores têm trabalhado com a educação sexual na Educação Infantil. Tínhamos ainda como objetivos específicos: 1) analisar como o professor concebe o trabalho com a educação sexual; 2) identificar, a partir de sua narrativa, de que forma ele tem abordado o assunto com as crianças.

A motivação para essa temática surgiu a partir da experiência de uma das pesquisadoras como professora de uma sala de educação infantil em que uma estudante relatou situações de abuso e mostrou não compreender o que estava acontecendo. A escola se viu, então, de mãos atadas para discutir um tema polêmico e de relevância política e social. Por essa razão, é que ouvir os professores sobre como veem a temática se torna relevante, uma vez que há muitos outros casos que podem vir a ocorrer. Para compreendermos melhor o trabalho do professor em relação ao tema da Educação Sexual, a pesquisa foi realizada em uma escola municipal, que atende crianças de 0 a 6 anos de idade. A escola funciona em tempo integral. Atualmente, atende cerca de 190 crianças entre a creche e pré-escola em ambos os períodos, não havendo alunos com deficiência ou síndromes conhecidas. Localiza-se na zona rural da cidade de Itatiba, na divisa com Valinhos, atendendo crianças de ambas as cidades.

Participaram da pesquisa duas professoras da educação infantil, sendo que uma exerce a função de professora e a outra a coordenação pedagógica, conforme explicita a tabela abaixo:

Nome¹	Formação Acadêmica	Quanto tempo atua	Função que exerce atualmente
Roseli	Pedagogia	17 anos	Professora de ensino infantil
Helenice	Pedagogia	11 anos	Coordenadora Pedagógica

A professora Roseli exerce a docência há dezessete anos na rede de Itatiba e há sete na escola atual. Administra aulas para uma turma de primeira fase, sala com 18 alunos de 4 anos no período da tarde.

A Professora Helenice atua como PDI (Professora de desenvolvimento infantil) há onze anos em Itatiba e nove anos na escola em questão. No ano de 2021, assumiu a função designada de coordenadora pedagógica, deixando sua turma da creche, Maternal II (crianças de 3 anos).

Como instrumento de produção de dados, utilizamos a entrevista semiestruturada. A entrevista com as pedagogas efetivas na educação infantil foi tratada de forma dialógica. Para a realização das entrevistas, utilizamos audiogravações, que auxiliaram na transcrição dos dados obtidos. Para a realização das entrevistas, o sujeito foi inicialmente esclarecido

¹ Os nomes dos sujeitos participantes são fictícios para preservar a identidade de cada um deles.

acerca do conteúdo a ser tratado e sobre as audiografações. Também foi garantido aos entrevistados a confidencialidade sobre suas respostas e suas identidades mantidas no anonimato. Ao término da transcrição da entrevista, o material foi encaminhado aos depoentes para validação e autorização do que fora narrado, ou modificações, cortes etc. seguindo os parâmetros éticos. Para a realização das entrevistas com as professoras, a ideia inicial era utilizar um de dois roteiros possíveis, escolhidos de acordo com as respostas às perguntas iniciais. Entretanto, ao longo da conversa percebemos que havia necessidade de realizar perguntas dos dois roteiros a seguir:

Perguntas Iniciais:

1. Atualmente, qual é a faixa etária da sua turma, creche ou pré-escola?
2. O que é educação sexual no seu ponto de vista?
3. O que você entende por sexualidade?
4. No seu ponto de vista, qual papel o professor exerce quanto à educação sexual?
5. Como a escola pode contribuir para prevenção de problemas graves como o abuso sexual?
6. Você aborda o tema em sala de aula?

Roteiro 1 (Para aquelas que responderam “Sim” à pergunta inicial de nº 6):

- A. Como você aborda o tema com as crianças?
- B. Como você se sente ao abordar o tema com as crianças?
- C. Você tem subsídios necessários para abordar o tema? Se não, o que falta?
- D. Quais são as dificuldades encontradas por você ao lidar com a educação sexual em uma sala de educação infantil?
- E. Você planeja as aulas sobre o assunto ou surge de acordo com as indagações das crianças?
- F. Em algum momento da sua trajetória como educadora, se deparou com algum caso de abuso infantil? Se sim, como procedeu? Se não, como acha que deve ser encaminhado?
- G. Qual o posicionamento dos pais e/ou responsáveis diante da abordagem do tema?

Roteiro 2 (Para aquelas que responderam “Não” à pergunta inicial de nº 6):

- A. Qual o motivo pelo qual você não aborda o tema com seus alunos?

- B. Você considera o tema importante de ser abordado na educação infantil?
- C. Em algum momento da sua trajetória como educadora, se deparou com algum caso de abuso infantil? Se sim, como procedeu? Se não, como acha que deve ser encaminhado?
- D. Qual sua postura após algum aluno fazer uma indagação sobre o tema? Exemplo: De onde vem os bebês?
- E. Você acredita que é função da escola trabalhar com temas como este? Se não, a quem devemos transmitir tal responsabilidade?

Para que pudesse ser realizada a análise das entrevistas das professoras foi necessário, após a realização, transcrevê-las para que, a partir disso, pudéssemos organizar os dados que foram coletados e selecionar os eixos de análise. Cabe ressaltar, que seguindo os protocolos éticos, a partir do momento que os dados foram transcritos, as entrevistas foram devolvidas aos respondentes para que pudessem modificar, acrescentar ou retirar algo que desejaram. Após o aceite dos dados pelos depoentes, as entrevistas foram analisadas e, a partir das convergências e divergências das respostas, foram organizadas em dois eixos temáticos: 1) Como as docentes concebem a educação sexual e 2) Como as professoras abordam o tema em sala de aula.

3. ANÁLISE DOS RESULTADOS

A análise dos resultados das entrevistas, conforme apontamos anteriormente, foi realizada a partir da entrevista com duas professoras da educação infantil. A partir da transcrição dos dados, chegamos a dois 2 eixos temáticos: 1) Como as docentes concebem a educação sexual e 2) Como as professoras abordam o tema em sala de aula, e que serão explorados nesta seção.

3.1. A concepção de educação sexual pelas professoras entrevistadas.

Tradicionalmente, a educação sexual é um tabu, principalmente, quando se é necessário realizar um trabalho em âmbito escolar. Isso se torna ainda mais complexo se o foco é o trabalho na Educação Infantil. Exemplo disso, são as falas das professoras entrevistadas, Roseli e Helenice:

A educação sexual, pensando na criança, a gente acaba tendo um olhar diferenciado do que realmente seria a educação sexual para o adulto. Para crianças, é a diferença entre a menina e o menino, é não ficar valorizando tudo, a menina é o rosa e o menino é o azul, porque isso ficou muito cravado né? [...] Vem da própria família, da própria sociedade em que a criança está inserida. A educação sexual a gente precisa estar atento, já que a criança tem curiosidade em conhecer o próprio corpo e o corpo do outro. A gente trabalha tanto a parte do corpo, o conhecimento de si e do outro e quando chega na parte da educação sexual vira um tabu. [...] Então eu acho que a educação sexual tem que deixar de ser vista como uma coisa ruim. Todas as crianças têm o seu momento de curiosidade. Quando a gente pensa em educação sexual, a própria criança acaba se masturbando, são movimentos que ela acaba fazendo na brincadeira, no sentar que acaba gerando um prazer nela (Roseli, 09/03).

Bom, para mim, a educação sexual é falar sobre as partes do corpo para a criança. Na faixa que eu trabalho de 0 a 3 não tem conotação sexual, então eu acho que são as partes do corpo, sem entrar muito na sexualidade. É uma coisa mais sucinta na verdade. Na minha opinião, seria tirar as dúvidas sobre o corpo, órgãos sexuais, entre outras informações e curiosidades que a criança traz para a gente. Não abordar o tema em si, porque para eles é insignificante, o sexo em si né!? A parte sexual. Então acho que é trazer de forma natural, o corpo mesmo. (Helenice, 11/03).

Na narrativa das professoras, percebe-se que a educação sexual adquire múltiplos sentidos. Quando a professora Roseli enuncia: “[...] a gente acaba tendo um olhar diferenciado do que realmente seria a educação sexual para o adulto[...]” e “[...] a gente trabalha tanto a parte do corpo, o conhecimento de si e do outro e quando chega na parte da educação sexual vira um tabu. [...]”, entende-se que, para ela, os significados se modificam conforme a faixa etária, ou seja, existe o conceito de educação sexual para o adulto e outro para a criança. Com os termos “*realmente*” e “*quando chega na parte*” compreende-se que a concepção de educação sexual limita-se a valores ligados ao sexo.

Nos segmentos da fala de Roseli “[...] a criança tem curiosidade de conhecer o próprio corpo e o corpo do outro [...]” e de Helenice “[...] seria tirar as dúvidas sobre o corpo, órgãos sexuais, entre outras informações e curiosidades [...]” observa-se um ponto de convergência entre elas. Reconhecem que, a educação sexual, dentro da faixa etária trabalhada por elas, relaciona-se com conhecimentos relativos ao corpo humano.

A entrevistada Helenice diz “[...] Na faixa que eu trabalho de 0 a 3 não tem conotação sexual [...]” e “[...] não entrar muito na sexualidade [...]”. Para ela, não se deve falar do “*sexo em si*”, deve-se retratar o corpo da criança, considerando as curiosidades que trazem consigo como ponto de partida para contextualizar as discussões.

Ao serem questionadas sobre o que é sexualidade, as entrevistadas responderam:

Pensando na criança, tem muitos casos que os adultos olham e falam “aquela criança quando crescer vai ser... vai virar de lado”. Isso já está errado porque a criança tem direito de brincar, ela tem um prazer de imitar. Muitas vezes a gente olha e fala assim: “Nossa aquela criança só brinca com boneca, só gosta de ficar brincando com meninas, tem um jeitinho meio, né? Afeminado”. Para mim a sexualidade é isso, ela tá demonstrando ali e a gente acaba dando uma forma para aquela criança, que não é o que é na realidade. [...] A sexualidade não vai desencadear na infância da criança, eu penso assim. Quando ela tiver uma certa idade aí sim ela vai opinar pelo lado sexual. Eu quero ser um menino, eu quero ser uma menina. Ou o menino fala “eu não quero ser mais” porque ele não sente, no corpo dele ele não sente prazer, ele não sente à vontade de ser menino, ele quer ser igual a mulher, ele quer ser uma menina. [...](Roseli, 09/03).

Bom. Na minha opinião é quando eles vão descobrindo as partes que dão prazer no corpo, os órgãos genitais. É quando eles vão se descobrindo, com uma idade um pouquinho maior, dos 4 ao 5. Até mesmo na escola a gente visualiza isso, as descobertas deles. E eu acho que a gente tem que trazer de forma natural, explicar. Não como um tabu, porque é a curiosidade deles, é natural da criança. É lógico que isso não é uma coisa que seja feita a qualquer hora, a qualquer momento, né? Também sem a conotação sexual, sem explicar o ato em si do sexo, mas de uma forma natural que é uma descoberta do próprio corpo. (Helenice, 11/03).

A sexualidade pode ser entendida como “a base da curiosidade, a força que nos permite elaborar e ter ideias, bem como o desejo de ser amado e valorizado à medida que aprendemos a amar e a valorizar o outro” (BRITZMAN, 1998, p.162). A sexualidade é um dos tópicos determinantes no processo de ensino-aprendizagem da educação sexual em qualquer faixa etária, pois lida com aspectos subjetivos do indivíduo, essenciais para a constituição da sua dimensão física e psíquica. Porém, para muitas pessoas, está associada somente a valores ligados ao sexo. Esse pensamento contribui significativamente para construção depreciativa do tema abordado nesse artigo, tornando-o “inadequado” para crianças.

No planejamento pedagógico do professor que encara a sexualidade dessa maneira, certamente, esse tópico não será apresentado amplamente, ou sequer será mencionado. Sob outro ponto de vista, através das respostas dadas pelas entrevistadas, entendemos que o termo “sexualidade” é compreendido sob diferentes ópticas. Termos como “natural”, “descobertas”, “curiosidade”, “órgãos genitais”, “prazer ao corpo”, “sente à vontade de ser” surgiram nos diálogos, constatando aparente conhecimento sobre o assunto. Há indícios de que há o trabalho em sala de aula, já que as professoras acabam abordando a temática intencionalmente ou não, indo de encontro a documentos como a BNCC (Base Nacional Curricular Comum) que, por sua vez, não contempla o tema na educação infantil.

A partir dos posicionamentos das professoras, compreende-se que, não há um consenso bem definido acerca das concepções do objeto de estudo. Há um modo próprio de perceber a educação sexual não apenas na educação infantil, mas em sua totalidade e complexidade.

3.2. Como as professoras abordam o tema em sala de aula?

“A sexualidade tem sido descrita, compreendida, explicada, regulada, estudada, normatizada a partir de várias perspectivas e campos disciplinares. O educador é, de igual forma, fruto dessa educação repressora.” (FRISON, 2008, p. 3). O professor é um sujeito histórico-social, suas concepções, crenças, condutas em sala de aula contemplam os ensinamentos técnicos-científicos adquiridos em sua formação acadêmica e aqueles constituídos pelo seu meio e a subjetividade de seu ser. Consideremos a seguir, as respostas das professoras Roseli e Helenice à pergunta: Você aborda o tema, educação sexual, em sala de aula?

Como é um tema que não faz parte da educação infantil, a gente acaba trazendo quando acontece algo com uma criança, no banheiro ou então no parque. Uma criança agarra outra ou então de querer ver o pipi. A gente acaba conversando com as crianças, mas não é um tema que a gente senta e vai fazer um planejamento em cima para trabalhar, só vem à tona mesmo quando acontece algo assim. A gente acaba chamando as crianças, trazendo para roda, para que não ocorra novamente. Os pais ainda têm muito tabu, por exemplo quando o menino pede para ver a menina sem roupa, o pai e a mãe acham um absurdo. Então, acaba se fazendo esse trabalho por conta das famílias mesmo né? Porque senão vira um "forfé" na escola. Eu, pelo menos, acabo trazendo as bonequinhas, quando acontece eu pego a bonequinha, mostro sem roupa. Também, eu sempre falo em sala de aula, sobre encostar. Eu tento mostrar, que nem tudo o adulto pode fazer com ela, que ninguém pode relar no corpinho dela, ela já vai ter isso na cabeça [...].(Roseli, 09/03).

Então, a gente trabalha muito a identidade. O projeto de identidade fala muito sobre o corpo, as artes do corpo, tudo! Por eles serem muito pequenos, eu não vejo tanta necessidade de abordar o tema. Eu acho que temos que trazer isso de forma tranquila para que eles não achem que seja uma coisa diferente. É uma coisa natural, é o teu corpo, você vai conviver com ele. Assim como educadora eu vejo dessa maneira, quando eles trazem perguntas, questionamentos e quando você vê, você tá ali para orientar, para passar da melhor maneira. [...] se surge você tem que falar sobre, não tem como você fingir que não viu, não ouviu, você tem que conversar né?! (Helenice, 11/03).

Observamos através das narrativas, que ambas abordam ou abordavam ao menos, algumas das múltiplas faces da educação sexual em sua sala de aula. Segundo Roseli “[...] *A gente acaba trazendo quando acontece algo com uma criança [...] trazendo para roda, para que não ocorra novamente. [...]*”. Entende-se que, para ela, é essencial esclarecer os episódios com as crianças, sobretudo quando eles vêm à tona, com o propósito de que as situações não se reproduzam.

A professora Helenice, embora tenha declarado que “[...] *Por eles serem muito pequenos, eu não vejo tanta necessidade de abordar o tema. [...]*”, confirma anteriormente que apresenta o assunto através do “projeto identidade”. “[...] *O projeto de identidade fala muito sobre o corpo, as partes do corpo, tudo! [...]*”.

As discussões são feitas espontaneamente, isto é, na medida em que o assunto se torna pertinente ao momento as professoras lidam com os questionamentos das crianças e acontecimentos casuais, sem que o conteúdo seja previamente planejado. Segundo Roseli “[...] *A gente acaba conversando com as crianças, mas não é um tema que a gente senta e vai fazer um planejamento em cima para trabalhar, só vem à tona mesmo quando acontece algo assim. [...]*”. Helenice, de maneira análoga, diz “[...] *Como educadora eu vejo dessa maneira, quando eles trazem perguntas, questionamentos e quando você vê, você tá ali para orientar, para passar da melhor maneira. [...]*”.

É importante analisar a fala da professora Roseli ao dizer que “[...] *É um tema que não faz parte da educação infantil [...]*”. A falta de obrigatoriedade na abordagem do conteúdo na educação infantil reflete diretamente sobre assuntos ligados à sexualidade, tornando-se um desafio aos docentes. Nesse sentido, Roseli complementa: “[...] *Não é uma coisa que tá dentro do currículo. Então, como você vai abordar uma coisa dessa, um assunto desse, sendo que ainda não tem nesse currículo? [...]*”. O tabu, manifesta-se até mesmo na figura do professor, que não compreende perfeitamente as subdivisões e a abrangência do conteúdo. Ancorando o cenário descrito está a BNCC que, ao descartar a necessidade de incorporar o assunto nas suas prescrições, contribui para desviar da escola a responsabilidade de lidar com questões fundamentais como o abuso infantil. Diante disto, retira da criança o direito de aprender questões acerca de uma condição *sine qua non* à sua própria existência, a sexualidade.

Para Frison (2008), apesar de uma quantidade exorbitante de informações sobre o tema chegar às crianças por diversos meios de comunicação diariamente, elas ainda compreendem a sexualidade e o sexo de forma equivocada. Portanto, necessitam de

esclarecimentos que respeitem a apropriação de cada faixa etária. Frequentemente, essas informações não são ensinadas às crianças por sua família, deixando-as confusas, inseguras, com muitas dúvidas e medos. Sob essa perspectiva Helenice e Roseli dizem:

“[...] Se existe essas perguntas, vendo as coisas, a gente tem que estar ali para orientar, mas a família também tem que estar pronta, tem que estar aberta, porque afinal, a criança está descobrindo tudo. Ninguém melhor do que a família para passar essa confiança para criança, de quem ela é, de como ela é, quais as sensações que ela tem. Então, acho que é um conjunto, a escola e família, não tem como deixar só com a escola e não tem como deixar só a família [...].” (Helenice, 11/03).

“[...] Quando a gente não tem família que fale, é a escola. Depende muito da formação daquela família, se ela tiver a mente aberta, que fala sobre vários assuntos, vai ser tranquilo, conversar numa boa. Se for uma família muito focada em religião, ou mente fechada, não vai passar isso pro filho. A criança fica numa situação difícil. E se a escola não fala porque o tema não é obrigatório, e a família não fala, de quem é a responsabilidade? A criança não vai descobrir sozinha. [...].” (Roseli, 09/03).

Para as entrevistadas, é papel da escola e da família dialogar com a criança sobre a educação sexual. Helenice afirma que *“[...] Então, acho que é um conjunto, a escola e família, não tem como deixar só com a escola e não tem como deixar só a família [...].”* Roseli diz que: *“[...] Quando a gente não tem família que fale, é a escola. [...].”*

Através da pergunta contida em nosso roteiro de entrevista: *Em algum momento da sua trajetória como educadora, se deparou com algum caso de abuso infantil? Se sim, como procedeu? Se não, como acha que deve ser encaminhado?*, as professoras entrevistadas respiraram e retomaram o fôlego, elas se emocionaram verdadeiramente. Em um misto de desabafo e angústia, revelaram à nós, situações cruéis de abuso infantil vivenciadas por elas na educação infantil:

“[...] Não que a mãe tenha sido conivente, mas pela necessidade da moradia da ajuda, a mãe acabava deixando a coisa acontecer. [...].”

“ Infelizmente ficou por isso. ”

“[...] Ela volta chorosa, com medo de dormir, ela não quer muito contato físico, [...] na hora da troca eu visualizei e me chocou [...].”

“[...] A mãe levava para a praça lá em vinhedo e trocava as meninas por uma marmita [...].”

“[...] O tio veio perto de mim e começou a passar a mão em mim [...].”

“[...] você catar o cigarro e apagar no corpo da criança, isso é muita maldade com uma criança [...].”

As contrariedades desse cenário despertam em nós, diversas outras questões fundamentais acerca das instituições sociais que nos cercam. O que é função da escola? Qual representatividade a família assume na vida das nossas crianças? Quais são as consequências desse jogo de responsabilidades na vida de uma criança em situação de abuso? Essas e outras perguntas necessitam de respostas capazes de priorizar aquelas que carecem de um seio de acolhimento, onde possam se sentir protegidas, livres para exercer sua autonomia, esclarecer seus questionamentos e dividir suas perturbações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa tivemos como objetivo compreender como os professores têm trabalhado com a educação sexual na Educação Infantil. Para isso, realizamos uma pesquisa qualitativa, realizada através de entrevistas semiestruturadas com uma professora da educação infantil e uma coordenadora pedagógica, atuantes em uma escola rural do município de Itatiba. Nela, discutimos sobre como as professoras concebem a educação sexual, identificando a maneira com que abordam o conteúdo com crianças na educação infantil, identificando os desafios e preconceitos e por que a educação sexual na educação infantil é considerada um tabu?

A partir das entrevistas, pudemos perceber a importância do tema devido ao intolerável cenário em que nos encontramos, os casos de abuso infantil que, diariamente acometem nossa sociedade e que não são denunciados por inúmeros motivos, dentre eles, a incompreensão das crianças, a escassez de informações, por omissão ou negligência daqueles que deveriam acolhê-las e protegê-las.

Também pudemos perceber que a falta de formação, a desinformação e os preconceitos que circundam a temática, resultam em professores que carregam consigo o verdadeiro tabu, ou seja, criaram um vínculo intenso entre a educação sexual e ato sexual em si, singularizando algo que é mais amplo e complexo. Foi possível ainda verificar que por não se ter uma definição de educação sexual muito clara, os professores não abordam o tema em sala de aula propositalmente, mas sim quando surge algum questionamento por parte dos alunos ou situações em que se faça necessária a abordagem, contudo conseguimos perceber que o tema é abordado transversalmente, como em projetos sobre identidade e corpo humano.

Muito desse preconceito e desinformação se dá pela omissão da discussão. Para pesquisas futuras, é importante discutir sobre a formação docente para trabalhar com a temática, pois os primeiros que devem quebrar esses tabus são os professores, para estarem prontos para trabalhar com o tema de forma confortável e plena para elucidar então a sociedade como um todo. Quando essa temática é discutida na escola convida a comunidade a refletir e criticar, o que são os primeiros passos para a quebra do tabu.

A partir do presente artigo podemos concluir que a educação sexual, desde o início da escolarização, traz inúmeros benefícios, como o reconhecimento do abuso e, conseqüentemente, maior possibilidade de denúncia por parte da criança. A abordagem do tema no âmbito escolar inclusive pode ser usada como um instrumento de fuga e proteção para a criança, visto que não eventualmente seu abusador é alguém próximo, de confiança e, frequentemente, do ambiente familiar. Quando o tema é abordado por outrem, a criança pode se sentir mais segura para denunciar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRITZMAN, Deborah. Sexualidade e cidadania democrática. IN: SILVA, Luiz Heron. **A escola cidadã no contexto da globalização**. Petrópolis, Vozes, 1998.p. 154-171

CUNHA, M.L.C. Abuso sexual contra crianças e adolescentes – Abordagem de casos concretos em uma perspectiva multidisciplinar e interinstitucional. **Cartilha do Ministério da mulher, da família e dos direitos humanos**, Brasília, 2021. Disponível em: <<https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2021/maio/cartilha-atualiza-dados-de-abuso-sexual-contra-criancas-e-adolescentes-para-fortalecer-rede-de-protecao>>. Acesso em 10 de junho de 2021.

FIGUEIRÓ, M. N. D. Educação sexual: como ensinar no espaço escolar. In: FIGUEIRÓ, M. N. D. (Org.). **Educação Sexual: múltiplos temas, compromissos comuns**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2009. p.141-171.

FRISON, L. M. B. CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL. **Reflexão e Ação**, v. 16, n. 1, p. 84-93, 5 nov. 2008.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA; FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA (Orgs.) **Atlas da Violência 2018**. Rio de Janeiro: Ipea; FBSP, 2018.

KORNFIELD, Débora. **Vítima, Sobrevivente, Vencedor!** São Paulo: Sepal, 2000.

PROVENZI, Júlia. Educação sexual é fundamental para combater o abuso infantil. **UFRGS Jornal da universidade**, Porto Alegre, 20 de agosto de 2020. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/jornal/educacao-sexual-e-fundamental-para-combater-o-abuso-infantil/>>. Acesso em 07 de maio de 2021.

SAFFIOTTI, Heleieth. A exploração sexual de meninas e adolescentes: aspectos históricos e conceituais. In: BONTEMPO, Enza Bosetti et ali (org). **Exploração sexual de meninas e adolescentes no Brasil**. Brasília: UNESCO/CECRIA, 1995.

SOUZA, Jane; TEIXEIRA, Sabrina. Educação sexual é fundamental para combater o abuso infantil. [Entrevista concedida a] Julia Provenzi.. **UFRGS Jornal da universidade**, Porto Alegre, 20 de agosto de 2020. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/jornal/educacao-sexual-e-fundamental-para-combater-o-abuso-infantil/>>. Acesso em 07 de maio de 2021.